

À LA CARTE
Vera Ribeiro de Carvalho
(você poderá ver a explicação desse título clicando [aqui](#))

O VELHO GUERREIRO
([Minha Caneta e Eu – 07/12/2009](#))

OBS: as partes em itálico e algumas fotos foram inseridas agora.



Engraçado pensar sobre isso... Há mmmmmuuuuuuuito tempo atrás, um casal de namorados passava pela tristeza de uma separação. Ela ainda teria alguns anos de estudo pela frente, mas ele tinha de partir para o mundo para tentar a vida, senão eles não poderiam casar-se. Tentou aqui, tentou ali, até que foi parar numa cidadezinha do interior do Paraná, de nome super estranho, desses que todo mundo pergunta: “Como?!” - quando ouve pela primeira vez. Foi muito chato... Eles ficaram por uns três anos nessa vida de se verem apenas uma ou duas vezes ao ano. Ela escrevia, escrevia, escrevia cartas toda semana, às vezes duas, às vezes três... ele conta até hoje uma história esfarrapada de que um funcionário do Correio não despachava as cartas-resposta, pegando o dinheiro e enfiando as missivas no forro - missivas que foram encontradas anos depois... É claro que contava isso morrendo de rir pois - como era de seu feitio, e é até hoje... a “desculpa” não passava de brincadeira para amenizar o fato de ele responder uma a cada mais ou menos duzentas cartas dela...(que exagero!!). É que ele, chegando naquela cidade, mergulhara “de cabeça” no trabalho, na profissão de professor, chegando a dar cerca de 60 aulas semanais!



Depois de alguns anos nessa vida, finalmente eles se casaram, e ela também foi para a tal cidadezinha de nome esquisito. Após a viagem de “lua de mel”, foram de ônibus para seu novo lar. Como ele era (e continuou sendo) muito brincalhão, quando chegaram a outra cidadezinha próxima, que tinha outro estranho nome (desta vez, de árvore: Jaracatiá), ele lhe disse: - Chegamos...É aqui! -

“Tá” certo que ela estava pra lá de preparada para encontrar um lugar pequeno, típico do interior, com casas de madeira que ela nunca conhecera, mas aquilo... Era demais!! Era muito menor do que esperava; parecia que tinha apenas uma rua de duas mãos... Quando ela já estava com aquela cara de espanto e decepção, ele disse: - “Brincadeira”, boba, não é aqui não! - A brincadeira acabou sendo ótima pois, quando chegaram enfim ao verdadeiro destino, ela achou que aquilo era o “paraíso”, afinal...

Dali para a frente, foi um adaptar-se sem igual: era água de poço, eram casas de madeira, (a “sua” casa também), eram ruas sem asfalto, poucas “casas de material”, (expressão que ela aprendeu ali), era um monte de gente curiosa em conhecer aquela quase menina que era a tal “esposa do professor e vereador Wanderleyzinho”...

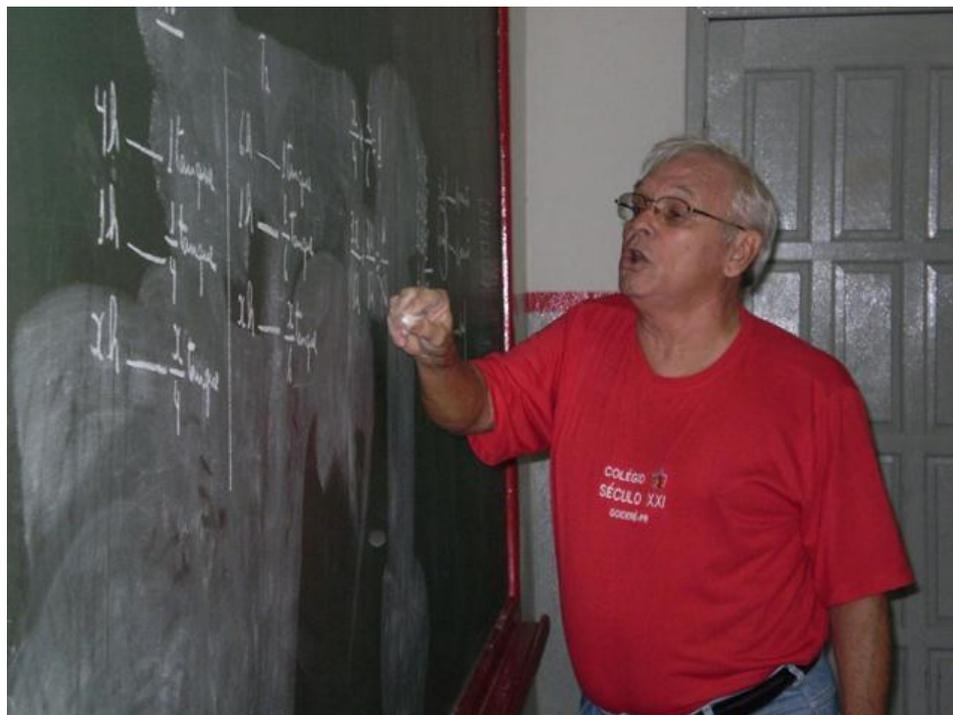


Rua Guimarães Rosa, 577. Nossa casa ainda de madeira. A rua sem asfalto. O primeiro cachorro: “Gão”. Carro parado em frente ao “Coleginho”

Logo ela também daria aulas, e foi com essa profissão nada tranquila que ambos chegaram... ao final de suas carreiras. Ela, por ser mulher, chegou primeiro. Teve muitas alegrias nesse final, ela que chegara estranhando tudo e acabara adotando como sua aquela que depois se transformara numa linda cidade! Ele...chegou dois anos depois. Como ambos eram teimosos e se recusavam a desempenhar aquele horrível papel de “aposentado brasileiro”- com crochês, cadeiras de balanço e coisas do gênero, para ela, e caminhadas, joguinhos de carta, etc., para ele, nem chegaram a descansar e já estavam trabalhando de novo *em escola particular e ela também dando cursos de Redação para Vestibular.*

Ele chegou ao seu final de carreira tendo como saldo a enorme consideração, respeito e o carinho de todos daquela comunidade, o “melhor professor de matemática”, como muitos dizem. Pessoa pra lá de honesta, de muito caráter, de muita dedicação a tudo o que se propõe fazer. Para ele, como dizem, “não tem tempo ruim”. Sempre alegre, sempre com uma observação jocosa na “ponta da língua” pronta para disparar... “Professor Wanderley”... “Wanderleyzinho”... “Papagaio”... “Wéyo”... “Bem”... “Pai”... “Papai”... “Papito”... *A foto abaixo mostra-o do seu jeitinho!*





Por nossos 60 anos, 29 dias e algumas horas de convivência! Chegou não só ao fim de carreira... mas foi-se daqui também com a “enorme consideração, respeito e o carinho de todos desta comunidade, o “melhor professor de matemática”, conforme tantos me disseram no velório e em um sem-número de mensagens.

“Professor Wanderley”, velho guerreiro (que, de velho só tem mesmo o carinhoso apelido (“Wéyo”) e os charmosos cabelos brancos...). Querido guerreiro!!... Parabéns pela pessoa que você é, e obrigada por ter-me dado a honra de ser sua eterna companheira!... Que sua caminhada seja ainda muito longa, e sempre coroada desse encanto e dedicação!! Acho que, em nome de seus agora “ex-alunos”, também posso dizer: “Obrigada, **MESTRE** !!”